



# A nave vai, mas só balançando

*Quem diria em Pequim que déficit em conta corrente é bom para atrair poupança externa?*

Aqueles que esperavam que o balanço de pagamentos brasileiro apresentasse já no fim deste ano um déficit na conta de transações correntes vão, ao que tudo indica, decepcionar-se. Essa conta começou negativa em US\$ 452 milhões em janeiro deste ano, contrastando com o início do ano passado. Desde então, porém, houve superávit, que só tem feito crescer. Ao fim do semestre, fechou em US\$ 3,087 bilhões, uma queda de 41,31% em relação à primeira metade de 2005 (US\$ 5,259 bilhões), mas, ainda assim, um resultado robusto. Agora com saldo comercial de US\$ 5,638 bilhões em julho, é praticamente certo que teremos um gordo saldo positivo em 2006, podendo ter sequência em 2007, a menos que o governo faça uma grande burrada.

A essa altura, nada se divisa que possa impedir as exportações de atingirem US\$ 132 bilhões em 2006, o que será suficiente para permitir um superávit de US\$ 40 bilhões na balança comercial, apesar do crescimento das importações e acomodar o déficit da conta de serviços. A expectativa de um déficit em conta corrente para atrair poupança externa parece um sonho ou pesadelo de inverno.

Para a economia do País, que não sofre com a escassez de dólares (ao contrário), manter um superávit em conta corrente reforça o escudo contra instabilidades externas. É desse baú que se tira o necessário para acumular reservas. Por sinal, com exportações retumbantes e com um poderoso saldo em conta corrente, a China é o grande ímã para os capitais internacionais. Déficit em conta corrente para atrair e carrear investimentos do exterior —

quem teria a temeridade de dizer isso em Pequim?

A “volatilidade” internacional, tão temida pelo BC, afetaria menos o Brasil justamente por causa do saldo em conta corrente. É daí que o BC tira os recursos para suas intervenções no mercado de câmbio, que se não têm elevado as cotações do dólar, pelo menos evitam que elas desabem ainda mais. Apesar da recente mudança no câmbio, que não vai resolver muita coisa, a chave é uma política afirmativa quanto aos juros e o BC não pode, mais uma vez, deixar passar uma boa chance como essa.

A economia americana está se ajustando e não se prevê um encolhimento súbito da liquidez internacional. É possível, mas não certo, que o Fed, em 8 de agosto, eleve a taxa básica americana em 0,25 ponto percentual, puxando-a para 5,5%. Mas mesmo que o faça, a tendência é de que os juros nos EUA comecem a cair de verdade e, ao fim do primeiro trimestre de 2007, estejam em 4,5%.

Com a inflação brasileira, medida pelo IPCA, em 3,74% este ano, como prevê o mercado, abaixo da meta de 4,5% fixada pelo governo, o risco aqui é o BC continuar a ver tudo escuro. Afirma-se que, se o Copom baixar a Selic, em sua reunião do dia 19, não irá além de 0,25 ponto, trazendo a taxa básica para 14,50%. Fazendo as contas com as projeções para os próximos 12 meses, a taxa real pode ter uma ligieríssima queda. E o câmbio permanecerá “flutuando” como um barco ancorado. Na maré baixa.

\* Jornalista. Membro do conselho editorial da Gazeta Mercantil  
E-mail: kkleber@gazetamercantil.com.br